ANO II — SABADO, 10 DE Março DE 1923 — NUMERO 67

VOZ DE GUIMARÃES

SEMANARIO REGIONALISTA

Administrador: — P.e Manuel de Freitas Junior

Redacção e Administração:
Casa Nun'Alvares — Rua da Republica, Guimarães

Director: — EUGENIO VAZ VIEIRA

Composto e impresso
Tip. Peninsular — Praça do Comercio, 17 a 19 — Figueira da Foz

Editor: — Luiz Gonzaga Pereira
Rua da Republica — GUIMARÃES

Proprietaria: A EMPREZA DA VOZ DE GUIMARÃES

O EXEMPLO DA ITALIA

Ao contrario de muitos compatriotas nossos, sômos contrários ás dictaduras. Em Portugal quasi ninguem confia na Nação; todos andam á espera do *homem*, que o mesmo é dizer do *Messias* politico. Quando Deus suscita um homem excepcional ao paiz, aqueles mesmos que suspirosos anciávam por ele, desde que terminem as festas, os vivas, os banquetes, as mensagens congratulatorias, os foguêtes e as luminárias, abandonam, quando não procuram intrigar, o homem excepcional, que vem a acabar quasi isolado a sua vida de relâmpago deslumbrador ao instantâneo fuzilar de dois ou trez tiros de pistola, n'uma praça publica, n'uma *gare* de caminho de ferro ou ao dobrar duma esquina. Aconteceu isto com D. Carlos e aconteceu com Sidonio. E' triste vezo dos chamádos, ou melhor dos que a si proprios se intitulam de conservadores em Portugal, que só pensam, desde manhã até á noite, ou na proxima revolução, ou no *messias* que ha-de vir para *pôr isto nos eixos*, segundo a consabída frase dos gageiros politicos.

D. Carlos, com João Franco iniciam vigorosamente uma obra de reforma politica. E' uma dictadura pessoal que as classes médias e trabalhadoras do paiz, todos aqueles que teem que perder aplaudem? Os politicantes enredam, insultam e matam D. Carlos, exilam Franco, e ainda lhes sujam as memorias. Tudo passou n'uma rapida, vertiginosa avalanche. Quem se ergueu a castigar os politicantes? Ninguem. Nem o proprio filho do rei assassinádo e injuriádo!

Vem a republica. Couceiro vae para a Galiza. Durante trez anos os conservadores não sonham senão com a invasão de Couceiro pela raia. Os governos, n'uma furia destruidora, n'um bota-abaixo, cégo e louco anarchizavam o paiz? Que importáva, se o Couceiro vinha aí? Couceiro entrou, os conservadores que com ele sonhavam não se mexeram para o secundar.

Vem Pimenta de Castro. Primeiro circunda-o a aura dos triunfos. As figuras honrádas de Arriága e do general chegam a comover os conservadores. Dentro em pouco surge nas páginas da propria imprensa conservadora o *vista a farda, general*, e o presidente e Pimenta de Castro, entre os ataques da direita e da esquerda, liquidam infructiferamente. Quem se levanta a colocar-se a seu lado? Ninguem...

Passam trez anos. Sidonio apparéce. Que delirio! Os conservadores cercam-n'o, aplaudem-n'o. Dentro de mezes, Sidonio experimenta os fógos cruzádos de duas hostilidades, a da direita que o victoriava e a da esquerda que o odiáva de morte. O ambiente adensa-se. Estálam trez tiros uma noite. O heroe desaparece. Quem se move a vingar o assassino e a pêrda nacional do grande Chefe d'Estado? Ninguem. O sidonismo diluiu-se como uma névoa.

Vem a insurreição do Norte... Mas para que recontar, mesmo em súmula, acontecimentos de que os olhos ainda guardam a visão exemplar? Dessa vez, como das outras, tudo se subverte.

Nos entreactos d'este drama que ainda não terminou, ponha-se a atoarda volante da revolução na forja, bichanáda como o segrêdo de Polichinelo, e poderemos concluir que ha dezasséte anos o paiz, sempre a decaír, sempre a afundar-se, tendo de mal a peor, não apela senão para estas duas panaceias: — dictadura ou revolução, passando desta maneira a si mesmo, como Nação, um atestado de incapacidade vergonhosa.

◇

Salvam-se as Nações *que querem* salvar-se. Isto é uma verdade historica e social incontestavel cujo reverso está naquele velho aforismo que diz terem os povos os governos que merecem.

A Nação tem vivido ao mando dos politicos. vae para vinte anos, e só *porque quér*, só porque as classes productoras não possuem a *força de vontáde* para dirigirem a vida nacional que depende e é constituida pela actividade de cada uma d'elas, força de vontade constructiva, animada pela fé nos destinos da Patria, e iluminada pela ideia do Portugal Maior a que a doutrinação das reformas nacionalistas fornece as bases politicas e sociaes

E todavia é possivel uma tal obra de ressurgimento pátrio? E'. O exemplo deu-o a fáscismo na Italia. Acaba de ser publicado um livro notavel sobre o movimento fascista, que completa o de Cipriano Giaccheti *Fascismo liberatore* (Bensporad, Firenze, 1922). Intitula-se *Il fascismo*, é seu auctor Pietro Gorgolini e Eugenio Marzan acaba de traduzil-o em Pariz.

Estremece nas suas belas paginas toda a alma da *quarta Italia*. A terceira teve um poeta, Carducci, mas não teve um guia, um *duce*. A quarta tem um chéfe, Benito Mussolini, e a poesia do sonho amado pelos corações e pelos espiritos da geração que se imolou Caporetto, canta-lhe os hinos de saúdação com que Petrarca cercára de loiros a fronte agitada e febril de Rienzi.

Elas dão-nos já o balanço imediato da obra fascista, embora seja cêdo para se falar dos seus resultados profundos; e ensinanos como um povo, á margem d'uma catástrofe, pode, num forte arranco, redimir-se e salvar-se, *porque quer*.

George Valois resúme assim a eficiencia da obra do fascismo:

«A Italia livre, caminhando a par das grandes nações. Resultados práticos: reformas fiscaes, reforma dos caminhos de ferro. Meio bilião de liras de economias realisadas sobre o orçamento de 1922-1923 pela reforma dos transportes, Na instrução publica, supressão de 740 empregados sobre 2.900; uma economia de 8 milhões e meio de liras. Na agricultura, supressão de 32 conselhos que comportavam inutilmente 332 funcionarios. Reorganisação do exercito e da marinha. Reforma das leis relativas ao inquilinato, por acordos entre senhorios e arrendatarios, que deu em resultado recomeçarem os proprietarios a construir habitações. Tiro estas rapidas indicações da exposição publicada nos ultimos dias pela Sociedade de Estudos e Informações Economicas cujo correspondente em Italia parece não ter profunda simpatia pelo fascismo, mas que é forçado a concluir:

«Seria injustiça não reconhecer os esforços que o governo fascista faz para pôr ordem na administração italiana, deminuir as despezas, tornar mais eficaz o trabalho, suprimir as causas de perturbação». Mostram estes primeiros resultados quanto a vontade de organisação do fascismo se encontra em plena actividade com um rendimento que resalta aos olhos: Quem quizer prever os seus resultados sociaes e economicos, reporte-se a estes principios exarádos por Gorgolini: — «O fascismo não tem assento nos conselhos d'esses magnátes da industria e do comercio que puzeram a Italia á fome e espoliaram á sua herança. O fascismo é o inimigo d'essa oligarchia ingurgitada e nunca farta. Contra a aristocracia financeira do regimen capitalista, ele deseja e anuncia o advento ao poder dos verdadeiros productores».

Eis o exemplo italiano. Eis o caminho a seguir em Portugal. Basta *querer*. Nada mais. E um movimento geral das classes *que trabalham e produzem* conquistará o Terreiro do Paço como Mussolini conquistou Roma: — sem um tiro não para fazer dictadura nem revolução, mas para *governar*. E não são ministerios, é *um governo* que falta a Portugal.

Secção Agricola

A CULTURA DA BATATA

A pouca producção de *Batata* no ano passado e a falta de *Batata* para semente, este ano, tem feito com que muitos lavradores desanimem em fazer a costumada cultura d'este precioso tuberculo.

Não deve ser assim.

E' precisamente este ano que convém desenvolver muito a cultura da *Batata* por toda a parte, não só para suprir o pão, que está carissimo, por causa da carestia do *Trigo*; mas tambem para se poder mandal-a para fóra, se sobejar: porque se paga por bom preço nos paizes em que escasseia.

Tanto isto é verdade, que o ministro da agricultura de Italia expediu, ha pouco, uma recomendação para se cultivar, este ano, a *Batata*, o mais que os lavradores possam.

O ministro dizia assim: «Emquanto se não restabelecer nos diversos paizes da Europa a normalidade politica e economica, será um acto de acertada previdencia para os lavradores aproveitarem-se das circumstancias favoraveis do momento, augmentando as disponsabilidades dos productos alimentares que téem mais consumo e que acham mais segura e vantajosa colocação nos mercados externos. Entre eles é para notar a *Batata*.»

Em Portugal deve atender-se muito a estas recomendações.

Não basta, porém, *semear* a *Batata*: é preciso cultival-a segundo as boas regras.

Só assim se poderá colher uma grande producção e atirar consideravel proveito.

O nosso lavrador cultiva, em geral, muito mal a *Batata* e é por isso que ela rende menos do que em outros paizes.

Começa logo por escolher mal e preparar mal a terra.

Na Italia aproveitam-se para batataes os sitios montanhosos, especialmente os que se arroteiam de novo e n'esses a *Batata* produz muito. Façamos outro tanto em Portugal.

Na adubação dos batataes convem empregar tambem os adubos chimicos; para se ter maior rendimento. Entre esses adubos, são os que tenham potassa aqueles de que as *Batatas* mais góstam.

A escolha de variedades de *Batatas* a cultivar é tambem muito importante.

Tendo de aproveitar-se para *semente Batatas* vindas de fóra, que estão por alto preço, ou mesmo *semente* nacional, o melhor será cortar as batatas aos pedaços e assim dispôl-as na terra.

E' preciso, porém, atender a que cada pedaço pese pelo menos, 45 gramas e tenha dois olhos. De outra forma, não produzirá tão bem.

Do modo de fazer a plantação á distancia de 30 a 30 centimetros umas das outras e em rêgos afastados uns dos outros 60 centimetros, depende tambem muito a pruducção.

A sacha e amontoa são indispensaveis para o batatal produzir bem e não falta quem aconselhe a réga nas terras muito sêcas.

O tratamento das doenças dos batataes é muito simples e mal irá a quem não fizer, pelo menos, o tratamento da rama com calda bordeleza.

Os cuidados devem ir até ao arranque das *Batatas*, não as tirando da terra emquanto a rama conservar alguma verdura.

No ano que vai correndo, é indispensavel atender muito ao que deixamos exposto, porque a cultura da *batata*, sendo bem feita, póde contribuir para obstar á espantosa carestia da vida que se vai observando e póde construir um bom elemento para compensar o lavrador de tantas perdas que tem sofrido.

Notas Ligeiras

Dizia Boileau que não se póde estar sempre a trabalhar, a falar e a lêr, e que mais vale jogar que mal dizer.

Esta será um tanto ou quanto a defeza dos jogadores contra os que veem, segundo velho e sensato ditádo latino, que o jogo é meio de fazer facil transição da opulencia para a miseria, da consideração para o desprezo e da honra para o crime. Nós vamos pelo latino contra o poeta francez ao apreciarmos como imoral a regulamentação do jogo que para ai é pretendida como remédio certo para essa epidemia de clubs luxuosos e de casas de tavolagem que é sinal de que não é nada são nem livre de vicios o estado moral do paiz. A regulamentação é no fim de contas a participação do Estado nos rendimentos da jogatina e no depenar dos parceiros, *isto é a aprovação expressa duma imoralidade que apresenta ilustrações horriveis como esses suicidios ha pouco havidos num club de Lisboa. A indistinção pelo Estado* neutro *entre o moral e o imoral, dá estes resultados.*

Tambem a prostituição é regulamentada *pelo mesmo criterio. Os conventos é que a* liberdade *com L grande mandou fechar por... importunos. Quanto ás casas de vicio, a autoridade faz como aquele policia do epigrama:*

Luiz ao monte jogou
E ao vêr-se depenado,
Abalou muito zangado,
Ao policia se queixou.
E com paz octaviana,
Lhe diz o municipal:
—Isso de *monte* é rural,
Eu sou da policia urbana.

O que ha?...

Num artigo sensacional, o dr. Trindade Coelho aludiu á conspiração contra a patria: o dinheiro hespanhol correndo por ai a jórros como os caudaes destas chuvádas de fim de inverno. Já o sr. D Manoel de Bragança não duvidára insinuar aos integralistas que dinheiro hespanhol alimentára perturbações contra a Republica. Ele lá o sábe!... Nós, ao tempo, ficamos espantados! Mas isso não foi desmentido. Agora vem Trindade Coelho e pergunta isto assim de chofre ao governo:

«Pergunto ao governo: conhece o governo qualquer informação dada em 1916 ao sr. ministro da guerra sobre certos acontecimentos graves que iriam desencadear-se em Lisboa, e que efectivamente se desencadearam? ...Eis o *complot à l'oeuvre*..

Sabe o governo se esta informação foi completada por qualquer outra de egual natureza fornecida pelo director dum estabelecimento militar?

Conhece o governo os motivos de violação da correspondencia para officiaes portuguezes em serviço de remonta num paiz estrangeiro? Continua o *complot*...

Sabe o governo os motivos que levaram o *Dally Telsgraph* a publicar, na integra, o tratado de Cartagena, cuja base 8.ª era atentoria da nossa soberania nacional? E o *complot* continua...

Conhece o governo os motivos que levaram alguns orgãos da imprensa franceza, logo a seguir á viagem de Poincaré a Espanha—e nomeadamente a *Patrie, Intransigeant, Echo de Paris* e *Liberté*—a afirmar que a neutralidade espanhola estava garantida se, no caso de acontecimentos politicos tornarem necessaria a intervenção da Europa em Portugal, fosse atendida a situação geografica de certa potencia, o que, apezar dos esforços empregados, mr. Pichon não desmentiu? Sempre o *complot*...

Sabe o governo se em varias fotografias de Lisboa, ao tempo da guerra, apareceram alguns estrangeiros a revelar chapas dos nossos barcos de guerra, fortes, gares, etc.? O *complot*, sempre...

Conhece o governo a razão por que na madrugada precisa da partida do «Zaire» foi avisiado um submarino proximo da barra, e os motivos por que não se procedeu a uma unica investigação? Ainda o *complot*.

Sabe o governo se, neste sentido, houve qualquer comunicação dirigida ao ministerio da guerra, a cinco de julho, mais ou menos?

Conhece o governo quaesquer providencias tomadas no proposito de esclarecer a declaração perentoria do sr. Romeo (informador do *Daily Telegraph*, que transmitiu o pacto) e que a «Capital» publicou a 5 de junho de 1915, sobre os planos do Estado Maior Central de certa potencia, talvez conhecidos do *Matin* que, a 16 de maio de 1915, escrevia referindo-se a essa potencia que «*elle considère avec moins de distraction les agitations lusitaniennes?*» Sempre o *complot*..

Está ainda o governo de posse das gravissimas comunicações consulares dirigidas ao ministerio dos estrangeiros em 1915? O eterno *complot*...

Que sabe o governo? Que diz o governo? Como nos demonde o governo, imperturbavel leitor, a campanha do comandante de Estado Maior Martin Florente (pseudonimo literario: Armando Guerra) que, no final da sua conferencia, em janeiro de 1919, publicada na *Gaceta del Norte*, proferiu as seguintes palavras:

«...*y así se me ocurrió borrar una frontera e quitar un borrón, y espero que esa frontera y ese borrón desaparezcan y desaparecerán.*»

Belas palavras para serem esculpidas, a bronze, na proxima *festa da Raça* que os ibero-americanos projectam levar a cabo no Porto, isto é no norte, berço imortal da nacionalidade portugueza!

Conclusão, por hoje: ha um *complot* contra a Patria? Ha, e impune. E' um *complot* de compota, que repousa no frasco das *convenien as politicas* que tentam reduzir a lama a espinha dorsal, o sentimento e a ideia de Patria de todos os portuguezes. (Sim: licenceemos o Exercito e mandêmol-o levantar o cadastro da propriedade)... E continuaremos conversando. Num dos proximos artigos.»

Segunda parte

Abriram as audiencias do julgamento do Dente d'Ouro & C.ª, *acusados dos assassinios que* esmaltaram *a* gloriosa *e* triunfante *revolução* libertadora *do 19 d'outubro. Preparemo-nos, atentos ao desenrolar dos novos actos desse espectaculo que ainda ninguem sabe se é comédia, drama, tragédia ou... farça. Dizia Lamartine: «Não se brinca com os mortos!» Em Portugal, a regra não é esta. No tempo da monarquia ficáram impunes os auctores e promotores do regicídio. Sob a republica, passeia livremente no paiz o assassino de Sidonio Pais. Depois... E chamam a isto o* jardim da Europa. *Verdade, verdade tambem ha jardins nos cemiterios e nos hospitaes de doidos...*

A caminho!

Foi espalhado no paiz, ao tempo em que era posto á venda nas livrarias a nova obra de Quirino de Jesuz e Ezequiel de Campos A Crise Portuguêsa, *um manifesto preconisando uma dictadura de salvação publica. Ha figuras de relêvo nos defensores da aplicação do caustico ao doente. Entre elas dois militares de prestigio: o general Bernardo Faria e o major Ferreira do Amaral, apelido este ultimo que só por contraste faz recordar o de certo makavenco imbecil. O manifesto expõe o lugubre quadro da situação financeira do paiz: um* déficit *a correr para um milhão de contos; uma despeza orçamental prevista para o ano em cerca de 1.400.000 contos; a divida nacional em mais de 2.000.000 contos; mais de 1.300.000 contos gastos desde 1914 não sendo nada para fomento e progresso; mais de 1.000.000 contos de notas em circulação e só 10.000 contos de ouro em reserva metálica; um débito do Estado ao Banco de Portugal que já excéde 900.000 contos; mais de 200.000 contos em ouro depositados no estrangeiro. O resto do quadro é todo nos mesmos tons.*

E ninguem dirá que não somos felizes!... O major Amaral diz que por enquanto *não se tracta de fascismo, mas vae anunciando que a Liga dos Combatentes da Grande Guerra que Lisboa atónita viu desfilar no 1.º de dezembro em avultado e respeitavel numero, tem hoje mais de 100 delegacias no paiz. E acrescenta: «os partidos não podem resolver, os problemas nacionaes... a ideia está em marcha, é já impossivel pôr-lhe um dique».*

E o manifesto explica que a salvação far-se-ha «por um ministerio nacional *que o sr. presidente da Repubiica, conseguindo tréguas dos partidos, pudesse conseguir em circunstancias tam graves». Esse governo teria «poderes excepcionaes e amplos» e* o melhor meio *(senão...) seria conceder-lhos o Congresso «adiando as suas sessões pelo prazo indispensavel ou* sine die.»

Não sei se veem bem, costumáva dizer o Dias Ferreira...

O pão... politico

Até ao pão chegou a maldita e tanto bastou para ele, o alimento do pobre e do remediado, subir de preço e atingir aquelas dificeis alturas a que, para a raposa da fabula, estavam as uvas da ramada! A arroba de farinha está a 17, 18 e mais escudos! E o Estado forjou o pão... politico e gasta para cobrir o déficit *cerealifero mais de 180.000 contos por ano! Havemos de concordar em que não pode haver peor administração do que a nossa! Um dia propuzéram a D. Frei Bartolomeu dos Mártires que aumentasse e enriquecesse os seus paços arquiepiscopaes, ao que o santo arcebispo tornou que essa era peor tentação que a do Diabo a Cristo, pois esta fôra a do Salvador transmudar pedras em pão e aquela de transformar em pedras lavradas o pão dos pobres. Donde se vê que no velho tempo, tinham os santos melhor senso politico que os estadistas e os açambarcadores que nos exploram...*

Ainda ha dias contava um jornal que uma mulhersinha fizéra notar, de manhã, ao padeiro, que o pão tinha aumentado.

—Não, senhora, isso é engano. O pão não aumentou. Tanto, que deminuiu de grossura e custa o mesmo preço!...

RUY

Ver na quarta pagina

Obra constructiva

Nascimentos

Nasceu ha dias a primogenita do nosso amigo sr. Alexandre Martins da Costa e Silva.

Ainda que um pouco tardiamente, apresentamos-lhe os nossos parabens.

—Egualmente teve o seu bom sucesso a delicada esposa do nosso amigo sr. dr. Antonio José Rodrigues Toriz.

—Deu a luz uma formosa menina a Sr.ª D. Marilia Passos d'Oliveira, virtuosa esposa do importante industrial sr. Manuel Mendes d'Oliveira.

A's recemnacidas muitas felecidades; e a seus paes as nossas felicitações.

LÁ POR FÓRA

Impressões da semana

Hora de suspensão. No Oriente os Kemalistas desejam que as clausulas economicas e financeiras do tratado de Lausanna sejam separadas das politicas, e neste teor foi presente o relatorio do governo á Assembleia Nacional que em sessões secretas o está analisando á data em que escrevemos. Os aliados, sob proposta franceza ao que parece, fizeram retirar de Smyirna os vasos de guerra. Mas a Inglaterra apressou-se a declarar que não aceita aquela dijunção de clausulas, o que amontoou mais nuvens no já nebuloso horizonte da Asia Menor. Para mais, procura manobrar de flanco levando o rei arábico Husseim a propôr aos Kemalistas que lhe dêm Mossul (o pomo da discordia) no que estes não cahiram, porque Husseim é um factotum *de Londres. Como o leitor vê, está muito vêrde a paz Oriental... a despeito das bonitas palavras das chancelarias. A agitação em Angora é enorme. As ligações com os bolchevistas e com Berlim poderão influir em muito no futuro que nos espera. Por mim, não tenho ilusões!*

Tambem a situação no Ruhr continúa indecisa. Dos 1400 comboios que dantes circulavam por dia no Rheno, nem 100 conseguiu ainda pôr em marcha a administração franceza que apertada pelas resistencias de toda a ordem entra nas fases violentas: a substituição do funcionalismo alemão, o desarmamento das guardas policiaes e o alastramento da ocupação. A Alemanha transigirá? Ha quem diga que sim. Mas o certo é que tendo feito uma electrificação enorme de industrias, ela pode já sorrir ante as aprehensões do carvão renano, e de Berlim ainda não tocam a quebrado... o que não quer dizer que não fosse bom que tocassem. Por outro lado, Germanicus, *o notavel colaborador militar do* E'clair *de Paris, esereve: «A Alemanha em armas? Homem prevenido vale por dois. Desde outubro que além Rheno tudo febrilmente se vae preparando para novo banho de sangue: depósitos de armas, munições, quadros, córpos francos, sociedades secretas, listas de mobilisação, ordens de requisição, etc.». O artigo de* Germanicus *baseádo em informações exactas é simplesmente... elucidativo e concludente. Esperemos pela volta... A Inglaterra permanece esfingica. De uma banda fez saber a Paris que a divida franceza de guerra é de 650 e tal milhões de libras — aviso de pagamentos; e de outra, avisou que não podem fazer-se prisões de alemães nos territorios ocupados pelas tropas de Albião no Rheno.*

Da Russia, as informações que aqui dei estão confirmadas.

Nas fabricas de Horovoski e de Ochten, nas oficinas de Pertilow, em Kasan, Schortha e Nischni-Nowgorod fabricam-se armas e munições que são tambem compradas no estrangeiro, especialmente na Suissa, onde algumas fabricas trabalham exclusivamente para o governo dos soviets. Ao mesmo tempo o ministerio da guerra ultima os detalhes de um grande plano ofensivo e defensivo, debaixo da direcção de Trostsky.

Teem sido feitas tambem grandes compras de aeroplanos, saindo da Russia algumas missões secretas para comprar no estrangeiro o referido material.

O governo dos soviets pretende estar preparado para todas as eventualidades, dadas especialmente a questão do Ruhr e do Oriente, a primeira das quais, no áizer de Bercharin, rompeu o equilibrio da Europa.

O plano do estado-maior russo permite fazer uma rapida concentração nas fronteiras da Polonia e Romenia.

A Russia, sobretudo, esforça-se por que a Alemanha não capitule o que representaria para ela uma derrota.

Camaroeiro ao alto, como diz o gageiro do Noticias *do Porto quando ha borrasca politica eminente.*

X.

Funeraes de Ruy Barbosa

Foram uma verdadeira apoteose, no Rio de Janeiro. Seguiam o carro funebre mais de 600 automoveis e uma massa de povo avaliada em 15.000 pessoas, levando 4 horas a passar da Biblioteca ao Cemiterio. Junto do feretro viam-se serca de 600 corôas, que se calcula terem importado em mais de 200 contos. Os canhões das fortalezas e navios de guerra e as baterias postadas á beira-mar deram uma salva de 21 tiros.

◇

A ressureição da Alemanha

O secretario da repartição maritima do Board of Trade, Inglaterra, afirmou, numa conferencia em Southampton, que em 1913 a Alemanha era a maior concorrente da Inglaterra, com cerca de 5000.000 de toneladas.

Pelo Tratado de Versailles ficou reduzida a 400.000 toneladas, mas, entretanto, já adquiriu 2.500.000 toneladas, metade da tonelagem que possuia antes da guerra, e no fim deste ano é possivel que possua 3.000.000 de toneladas.

Não se compreendeu que a Alemanha não era o país pobre por que se queria fazer passar, e assim depressa a Alemanha se tornaria numa concorrente da Inglaterra.

Referindo-se ao Ruhr, disse: «Não devemos esquecer que a França sofreu duma maneira muito diferente daquela por que nós sofremos. A França precisa naturalmente de tornar segura a sua situação».

◇

Os olhos de Miss Gloria

O *Diario de Noticias* publicou o retrato de Miss Gloria Goodrwin, e um artigo em que diz que esta senhora usa e abusa das leis americanas que prohibem galanteios nas ruas a senhoras.

Miss Gloria, que segundo parece tem uns olhos formosissimos, logo que alguem na rua lh'os gaba dá voz de prisão ao galanteador, que acaba por pagar uma multa no comissariado, ou lá como isso se chama em inglês.

Ao que parece são já muitos os que por causa dos olhos de Miss Gloria mandaram dinheiro... á gloria.

◇

Nova guerra?

A Polonia está chamando as reservas ás fileiras, incluindo os oficiaes de 1889 a 1899, engenheiros, veterinarios, cirurgiões e medicos militares desde 1897. Comunicam de Varsovia que se preparam operações contra a Lituania.

◇

Bolchevismo e fascismo

Os Soviets informaram mussolini de que não tencionam por forma alguma formar a propaganda anti-fascista e que desejam muito sinceramente a aproximação italiana.

◇

Pró e contra as mulheres

A Universidade de Cambridge aprovou em 4, sem oposição, uma proposta para que as mulheres, que podem assistir ás aulas e ás experiencias nos laboratorios, possam tambem receber o grau universitario. A Universidade de Oxford tambem concedeu ha pouco o mesmo privilegio as mulheres.

Mas na Suissa, o cantão de Zurich regeitou por grande maioria o direito de voto das mulheres. E' a terceira vez que tal pretensão lhes é recusada.

Vê-se que as mulheres... com suissas não fazem nada!

◇

Poderá um Zepelim ir directamente de Berlim a Chicago?

Na Alemanha, em Friedrichshaven está sendo construida para o governo americano uma das maiores aeronaves até agora construidas.

De harmonia com as experiencias colhidas com os vôos de aparelhos de passageiros que fazem viagens através da Alemanha, corrigiram-se os ligeiros defeitos do «Nordstern» e «Bodensee», na construção do novo «zepellin», cujo potencial de maquinas lhe dará um grande raio de acção.

A comissão americana enviada pelo governo dos Estados Unidos cooperou com os engenheiros alemães na revisão dos planos.

Espera-se que a nova aeronave fique terminada no mês de abril. Em maio, fará vôos de experiencia sobre os Alpes; em junho fará a sua viagem através do Atlantico.

Os americanos desejam voar directamente de Berlim a Chicago.

◇

Miudezas

Em Viena, houve, em 5, renhida luta entre judeus e nacionalistas: 17 feridos, 90 prisões.

—Em Roma um bando de ladrões tentou assaltar a embaixada alemã, ferindo o secretario Altuburg.

—Anuncia-se que o ex-Kaiser espera o nascimento dum filho.

—O presidente norte americano Arding assignou o bill *relativo á consolidação da divida britanica.*

—O governo alemão ameaçou de confiscar os bens dos alemães que pagarem tributos ás auctoriaades da ocupação.

—O Daily Telegraph, *orgão governamental inglez diz que o governo não aceitará o plano francês porque significaria uma anexação disfarçada do Rheno. No entanto o club dos conservadores de Londres aplaudiu a atitude francêsa.*

—O barão Mevins ao apresentar o relatorio da divida publica belga ao parlamento disse que a unica táboa de salvação é o pagamento da Alemanha daquilo a que para com a Belgica se obrigou pelo tratado de Versailhes.

—Trotsky declarou aos comissarios do povo em Moscou que o governo soviético tinha perdido prestigio e que é necessario que a Russia tome uma atitude energica perante as nações ocidentaes.

—O governo inglês pronunciou-se pela proxima evacuação militar britanica de Mesopotania.

—O governo e a finança alemã vão promover um emprestimo interno.

—Fala-se do enlace da princeza Mafalda, segunda filha do rei da Italia com o Duque do Brabante, herdeiro do trono belga.

—As tropas francêsas ocupáram Limburgo. As auctoridades aprehendêram 12 biliões de marcos num banco de Colonia. A Inglaterra protestou pois uma parte era para as suas tropas.

—O novo comissario hespanhol em Marrocos ao entrar em Ceuta só trazia ao peito a legião d'honra e nenhuma condecoração hespanhola.

—Em Madrid a politica agita-se irradiando para os quarteis. O governo desmentiu frácamente o boato de abdicação do rei. Fala-se num golpe de estado militar contra os partidos.

—O parlamento turco votou o casamento obrigatorio dos celibatarios para augmentar a natalidade.

—Uma comissão inter-aliada vae administrar os caminhos de ferro do Rhur sob a direção dum funcionario francês assistido por dois tecnicos, francês e belga.

—Os lituanios atacaram de novo os polacos na fronteira sendo repelidos. Ha perdas de lado a lado.

—O governo norte americano acaba de constituir em Alaska um novo deposito formidavel de petroleo para a sua marinha de guerra.

—Poincaré protestou contra a decisão tomada isoladamente pela Inglaterra de retirar navios de Smyrna.

—A assembleia de Angora parece regeitar todos os compromissos de Ismet-Pacha em Lausanna.

—No Rhur foram impostos graves castigos aos exploradores refractarios de carvão.

—A America reclama da França 250 milhões de dollars por despezas feitas com a ocupação do Rheno pelas suas tropas.

As três lagrimas

Porque é que este gentil recemnascido
o pranto solta assim sentidamente?
O que pode pungir este inocente?
—Chora, sabes porquê? por ter nascido.

E este ancião de rosto contraído,
de olhar velado e expressão plangente,
porque soluça tão amargamente?
—Chora, sabes porquê? Por ter vivido?

E alem, vês? naquela urna pequenina
essa joven de rosto esmaecido?
Porque sustem nos cilios, cristalina

Lagrima fria, como o triste olvido?
Porque chora, já morta essa menina?
Chora, sabes porquê? Por ter morrido.

Placido OSORIO.

Sciencia para todos

Anestesia sem anestésico!

Chama-se anestesia, como quasi toda a gente sabe, a insensibilidade provocada pelos operadores para fazerem as operações cirurgicas sem dôr.

Em 1844 Horacio Wells descobriu as propriedades anestésicas do protóxido de azote e desde então os medicos não têm deixado de aperfeiçoar esta «obra divina» de que já falava o medico grêgo Hipócrates, e que consiste em suprimir a dôr humana, pelo menos durante as operações cirurgicas.

Têm-se empregado para obter êste resultado as mais diversas substancias. Depois do gaz hilariante, veiu o éter, depois o cloroformio, por fim a cocaina e os seus sucedaneos, sem contar algumas drogas mais exquisitas. E multiplicaram-se os metodos mediante os quaes é possivel proceder ás mais cruéis intervenções cirurgicas sem que o paciente dê por isso.

Mas poder-se-ia chegar ao mesmo resultado sem usar nenhum dêsses corpos que se classificam sob o nome de anestésicos? A' primeira vista a pergunta parece paradoxal e tem-se a tentação de responder imediatamente negando. Ora ha quem julgue que este inverosimil é possivel, e, o que mais é, provam-no, limitando-se de resto por ora a evitar aos seus doentes as dôres de pequeninas operações,

E como? O segredo consiste em provocar uma respiração aceleradissima durante um minuto!

Eis aqui o método que se deve seguir, segundo um dos ultimos autores que sobre êste assunto escreveu, o sr. Guichard.

Prescreve-se ao paciente que se quer insensibilizar que respire rapidamente e profundamente como se acabasse de fazer uma corrida a galope bastante longa. Convém animá-lo com o gesto e a voz durante o minuto indispensavel.

Logo ao fim dos primeiros quinze ou vinte segundos, refere êste autor, vê-se o paciente, cujo rosto se congestiona, tomar um aspecto de fadiga. As faces avermelham-se, os olhos apresentam uma aparencia vitrea, o pulso torna-se rapido e debil, «filiforme» como se diz em linguagem medica; os braços, ao fim do tempo prescrito, pendem muitas vezes inertes ao longo da cadeira de braços onde se manda sentar o paciente.

E' então que o instrumento pode entrar em scena. Este instrumento é actualmente, e quasi exclusivamente, o boticão empregado na extracção dos dentes. São, com efeito, os especialistas da boca—os *estomatologistas* como se diz á grega—os que têm praticado êste método sobre os seus clientes, tornando-lhes assim suportavel uma operação que se considera habitualmente como mais que desagradavel. E' frequente êstes especialistas, ao começarem a sua intervenção terem ouvido os pacientes soltar um grito; mas tendo-os depois interrogado obtiveram a confissão de que só o mêdo os fizera gritar. Na realidade nada tinham sofrido.

Donde nos veiu este modo de anestesia? Atribue-se a sua invenção aos americanos, mas é muito dificil obter informações exactas sobre êste ponto de historia. Tudo o que sabemos é que já se emprega ha muito tempo na Europa, mas sem que de facto se fale nêle. Em 1896 o professor Destrées, de Bruxelas, já o recomendava; aí por 1900 um jornal tambem de Bruxelas narrava como certo cirurgião o empregava na extracção das amigdalas; o dr. Andrieu preconiza-o no seu *Tratado* das extracções dentarias; o dr. Achard, de Marselha, empregou-o muitas vezes durante a guerra. Embora pouco conhecido, de modo geral, êste processo vê-se que já saiu do periodo das experiencias.

Recentemente o professor Reynés, de Marselha, quiz experimentar o seu valor sobre si proprio, e reconhece que durante a extracção dum dente molar que lhe tinha causado uma infecção muito seria, não sentiu absolutamente nada. Conta que sentiu, no fim do minuto regulamentar, uma especie de entorpecimento. Depois da operação, esta sensação aumentou ainda, sentiu os membros pesados e um grande vágado no cerebro, «como quando se sofreu, diz ele, a acção dum anestésico». Este estado durou um certo tempo; deitou-se e tudo desappareceu. O dr. Reynés conta servir-se dêste método em operações diferentes das dos dentistas. Será talvez a origem d'uma importante extensão do processo.

Sem que seja permitido, até ver, firmar grandes esperanças sobre um processo que não pode dar senão uma anestesia curta e cujo *modus faciendi* não parece facilmente aplicavel em certa extensão, não podemos deixar de recordar que foi precisamente nas extracções dentarias que foram quasi exclusivamente aplicados os primeiros anestésicos obtidos por Horacio Wells.

Como opéra esta respiração rapida —esta *taquipneia*, como diriam, á grega, os medicos? Aqui variam as opiniões. Para uns, a rapidez exagerada do acto respiratorio determina uma repercussão violenta na acção reguladora do cerebro e podia desequilibrar ao mesmo tempo as funções sensitivas do orgão. Isto é na verdade um pouco vago e a hipótese não tem base solida: são palavras. Outros, e são o maior numero, afirmam que a insensibilidade é devida á acumulação, no sangue, dos gazes da respiração, e especialmente do acido carbonico.

O certo é que o problema permanece intacto e teem a palavra os fisiologistas.

Não é escusada uma ultima palavra: a insensividade dêste modo de insensibilização, tão simples, tão facil de pôr em pratica, não é absoluta senão para os pacientes de coração sadio e jovem. Guichard declara que antes dos 12 anos e depois dos 40 o paciente sente uma grande fadiga, respira mal e pára antes do tempo fixado. Reynés é de parecer que o método tem os seus limites na edade e no estado do coração.

E' uma restrição que importa recordar, Ela ensina que a anestesia por «esbofamento» só deve ser empregada com pleno conhecimento e por medicos que possam apreciar as possiveis repercussões,

Eis um assunto que está tambem na ordem do dia, e que trazemos das colunas de um recente numero do *Temps* —ha poucas semanas—para o nosso jornal que hoje inaugura esta secção.

U. N.

Campanhas da maçonaria

O centenario de um apóstata

ERNESTO RENAN

A Maçonaria internacional acaba de ordenar ás suas *lojas* que celebrem este ano o centenario de Ernesto Renan, nascido em 1823. Pois não deixemos nós tambem passar á mão salva a triste data de uma das mais escandalosas apostasias modernas, já que o nome e a obra de Renan tanto mal tem causado e a maçonaria ergue a ambos como bandeira de guerra contra a Egreja de que ele abjurou.

Renan nasceu em Fréguier, na provincia da Bretanha (França) a 27 de fevereiro de 1823, educado num meio profundamente christão, o joven bretão encaminhou-se para a vida eclesiástica. Começou os seus estudos clássicos no pequeno seminario de S. Nicolau do Chardonnet em Paris, sob a direção do Padre Dupanloup, e aos 19 anos entrou no Seminario de S. Sulpício, a cujos professores ele mais tarde prestava homenagem. Ali porém, bem depressa perdia a fé. Explicou ele que a perda da fé fóra consequencia dos seus estudos criticos sobre as religiões. Esta asserção está hoje desmentida formalmente pelo testemunho de um dos seus condiscipulos e pelos seus proprios escriptos. O joven seminarista apenas iniciára os seus estudos filosoficos (estudando o problema da certeza, os sistemas de Descartes e de Kant), quando a 6 de novembro de 1841 escrevia: «Tenho uma violenta propensão para o scepticismo ou melhor para o Kantismo porque é sobretudo o systema de Kant que me faz impressão». Ainda não tinha estudado o hebraico quando a 15 de setembro de 1842, presumindo que sua irmã Henriqueta ia fazer uma viagem á Alemanha, a incumbía de visitar em seu nome o tumulo de Kant em Koenigsberg, declarando-lhe que «gostava muito dos pensadores alemães». Conhecem-se hoje as *Cartas intimas* dos dois irmãos: a vida de Renan já não tem segredos para ninguem. Henriqueta, então professora na Polonia, já tinha perdido a fé, e era ela quem impelia seu irmão para a estudo dos «pensadores alemães» que lhe haviam roubado a crença, como foi ela quem lisongeando-lhe o orgulho decidiu mais tarde o seminarista a abandonar o estado eclesiástico, acenando-lhe com um grande renome scientifico. Três anos de seminario passados e antes de tomar os compromissos definitivos do sub-diaconádo, Renan «querendo (segundo as suas proprias expressões) abandonar um interior que não era mais que uma mentira», abandonou a vida eclesiástica e entregou-se aos estudos orientaes.

Falso homem de sciencia

Vinha cheia de fel aquela alma incrédula. Conta René Taillandier (*Historie et philosophie religieuse*, p. 2) que «as suas primeiras manifestações exalávam vivo amargor. Havia ainda no seu pensamento uma verdura singularmente áspera, e por vezes até traços de violencia. Logo após a revolução de fevereiro, irritado por vêr a Egreja associar-se ás emoções desses tempestuosos dias e marcar uma atitude nas festas e ceremonias populares, denunciava com extrema vivacidade a hipocrisia do liberalismo clerical. A proposito da exege-se alemã, se topáva no caminho um escriptor violento saúdava-o sempre com súbita simpatia. Escrevia sem hesitar frases como esta: «Os templos materiaes de Jesus real vão desabar; os tabernáculos onde se julga estar a sua carne e o seu sangue serão quebrados; já o telhado voou e a agua do céu vem molhar a face do crente ajoelhado». E' a raiva do blasfêmo. Já na primavera de 1845, ainda no seminario, ele negava o dogma da Encarnação,—mas comungava sacrilegamente. Em 1849 está na Italia e ahi o seu ódio de renegado explude: intima o christianismo a considerar-se morto; e escolhe a sua arma de ataque, a ironia desfaçada e cinica. «O padre apostata, diz ele, que conhece os segrêdos, abre o sanctuario e devássa-o aos olhos do publico com a audacia de um criado de alcóva» (citado por Guilloux, *O espirito de Renan*, p. 253).

Em 1863 é publicado o livro demolidor do apóstata: *A Vida de Jesus*, obra de perfidia, porque á sombra da sugestão do talento literário, ele reduz a figura do Divino Mestre ás proporções de um *homem notavel*, a uma alma religiosa fina, de uma sensibilidade atrahente e por consequencia preparada para todas as auto-sugestões. Por exemplo: alguns quizeram vêr nele o Messias, e Cristo convence-se de que é o Messias. Desta maneira toda a divindade de Jesus é reduzida a zero. Milagres? Resurreição? Perante estes *factos historicos* que hoje *ninguem néga*, Renan vale-se da primeira fantasia que lhe acóde ao bico elegante da sua pena. Sugestão e halucinações em horas de emotividade superagúdas. Renan não aduz uma prova, não faz dialectica, faz um romance (1) que só é acreditavel por pessoas superficiaes, mundanas e frívolas, que não se incomodam nem com as conquistas positivas da sciencia nem com o conhecimento serio das questões. Renan só procurava, atraz dos Baur e dos Strauss e fóra até das investigações de um independente como Harnack, que concluia por atribuir ás composições evangelicas quase as mesmas datas que as da tradição católica — as fórmas vagas, ambíguas, sonóras e cantantes. Apesar do alastramento retumbantemente escandaloso do venenoso livro, a crítica de Renan está hoje completamente posta de parte. Logo em 1862 escrevia a *Revista de Wurtzburgo*, redigida por inteligentes historiadores não católicos alemães: «Engana-se quem procurar sciencia no livro do sr. Renan; ele só nos deu um evangelho em forma de romance».

Na Alemanha e em França já nos meios intelectuaes se não tomam a serio as paginas romanescas de Renan. O proprio Chalemes-Lacour que era livre pensador, e que lhe sucedeu na Academia Francêsa, não receou aluir pelo pedestal a estatua que o racionalismo liberal erguêra a Renan:

«Os sábios censuráram á *Vida de Jesus* o não ser scientifica. Exigiram contas ao seu auctor, pelas liberdades que havia tomado ao interpretar e truncar certos documentos. Perguntaram-lhe com que direito ele os partira em mil pedaços para ajustar estes depois ao seu plano e para com eles compôr, como num vi-

OS NOSSOS CONTOS

As Castanhas

Versão de DERNIENSE

Encostada a um castanheiro duma velha floresta, estava sentada uma mulher: as folhas caiam-lhe em redor e esse belo outono, era o quadro que melhor ficava ao seu rosto contraído em volta do qual frisavam cabêlos grisalhos.

O imprudente que tivesse preguntado a Mathilde Chastaignes o motivo da sua tristeza, não teria recebido resposta, porque a senhora era ciosa os segredos duma alma onde entrava pouco a alegria e onde o sofrimento fermentava como acido em retorta. Nenhum inimigo lhe faria o mal que ela a si propria infligia e muitos se teriam contetado com a parte de felicidade que ela não soubera aproveitar.

—:—

A Felicidade! A senhora Chastaignes recordava sempre com saudade aquela que tinha experimentado, durante os seus poucos anos de casada!

O esposo, por quem ela era adorada, tinha sabido adivinhar, compreender, sob o seu temperamento exaltado, a bondade duma alma só acolhedora para os privilegiados; êle chamava-lhe rindo: «minha castanha», e Mathilde, para confirmar como este nome lhe quadrava bem, bordou nas suas roupas, nas cortinas, nos centros de mêsa, um ouriço, que com os seus espinhos se defende contra os importunos, não deixando facilmente livres os bêlos frutos que contém.

Quando um brusco acidente de caça a fez viuva, esta mulher ainda nova, dedicou ao seu unico filho aquela ternura maternal que se torna uma especie de culto, exclusivo para aquela que a pratica, e ás vezes tiranica para aquele que a provoca.

Estevam era o seu bem, pertencia-lhe; ela quiz modelar-lhe a alma, e agradou-lhe que ele fosse orgulhoso, desconfiado e disposto como êla a exagerar os seus defeitos e a dissimular as suas qualidades. Possuidor do diploma de engenheiro agrónomo, aplicava á cultura das terras de casa os novos métodos.

Dotada duma viva inteligencia, a mãe, fez-se sua associada e achou-se com direito de dizer: de si para si: Que necessidade tem ele doutro amor? O meu será bastante. Eu dei-lhe a minha mocidade ele deve-me a sua!

—:—

Veio a guerra e durante quatro anos mortaes, a mãe de Estevam viveu as horas angustiosas que todas as mães conheceram, mas parecia-lhe que nenhuma dôr poderia ser comparada á sua e todavia ela foi uma das favorecidas da sorte.

Embora tivesse estado constantemente exposto ao perigo, o seu filho ia tornar!

Uma ferida inesperada a atingira, amava! E neste homem de trinta anos: socegado, o amôr foi o que devia ser, exclusivo, e pronto a vencer todos os obstaculos. A noiva não pertencia á sua sociedade.

Mas que importa! Não é ela irreprensivel?!

Rompendo direito por sobre todas as dificuldades, Estevam nem sequer consultou sua mãe. Um breve bilhete levou esta noticia ao Souto: «Gosto da filha do meu hoteleiro, casaremos daqui a quinze dias».

A viuva sentiu uma revolta terrivel! Era assim que o filho querido lhe fugia dos braços, trocando-a por uma desconhecida! Houve troca de cartas, mais crueis que palavras, porque estas leva-as o vento e aquelas ficam. A senhora Chastaignes mandou dizer ao filho: «Se te casas contra minha vontade, a casa de teu pae continuará aberta, mas só tu aí entrarás. Escolhe!»

Estevão escolheu; mas a mãe não triunfou.

Ela disse para consigo: «o interesse o fará voltar». Preferia vêl-o infeliz para ter ocasião de o socorrer, porque a sua natureza estava sempre pronta para os grandes sacrificios, mas não podia resignar-se á troca meritoria das pequeninas imolações. O jovem casal conheceu dias de privações! A senhora Chastaignes ignorou-o; no ano seguinte soube que lhe tinha nascido um neto: «Traze-m'o»—pediu ela. «Uma creança desta idade não pode separar-se de sua mãe» foi a resposta. Dezoito mezes depois, veio ao mundo uma menina: a mesma proposta, recebeu a mesma recusa.

—:—

A obstinada senhora, que teria amado loucamente os nétos, não desarmou. Esta victoria do seu orgulho sobre a sua ternura, custou-lhe mais que uma derrota e os dois combatentes, com egual teimosia, não quizeram, nem um nem outro, depôr as armas.

Uma luta assim não se prossegue sem sofrimento; e naquela tarde de outono, duma doçura quasi anormal, Mathilde Chastaignes sofria a triplice melancolia do dia que morre, do verão que acaba e da vida que a pouco e pouco desaparece.

Um raido a fez estremecer. Ouviu passos na floresta: passos pesados duma pobre com tamancos e passos meudos de dois petizes que agarrados á saia da jornaleira deviam impedir-lhe os movimentos, ao apanhar as castanhas, cujos ouriços calcava com os tamancos, para fazer sair os bêlos frutos reluzentes, que recolhia em seguida num grande saco de pano. Ao vêr a proprietaria do logar a aldeã dirigiu-se-lhe sem receio, porque a conhecia de longa data, tendo sido muitas vezes socorrida por Ela.

—A senhora é muito bondosa, por deixar aos pobres uma parte da sua colheita; isto é precioso, sobre tudo este ano que tudo será tão caro!

E então, estes garotos têm já uns dentinhos!

—São os pequenos da sua filha, Maria?

—Não, minha senhora, estes são os do meu rapaz. Ele tinha justamente a idade do filho da senhora, tanto que fizeram a comunhão juntos.

—Deixam-n'a então creál-os?

—Ai, minha senhora, se eu tivesse meios de os sustentar, deixavam-nos estar mais comigo: a mãe é uma operaria que nos põe a cabeça em agua, a mim e ao seu homem. Quando não ha pão em casa deles, a culpa não a teem estes inocentes e eu mostro-lhes sempre boa cara.

E' preciso perdoar, quando se é mãe!

—:—

Um franzir de sobrôlho da fidalga fez compreender á camponeza que tinha falado de mais; e como diversivo pegou numa vara comprida a brandiu-a para atingir alguns frutos, que tinham ficado nas pontas dos ramos; depois, calcando-os com força, acrescentou rindo:

—As castanhas são como as mulheres, é preciso bater-lhes para obedecerem!

Tendo pôsto o saco ás costas, afastou-se, curvando a espinha e os dois garotitos, saltando atraz dela, enterravam as pernitas nuas na folhagem sêca, fazendo-a rugir com um ruido de sêdas amorrotadas.

—:—

Quando o grupo se afastou as rugas cavaram-se mais profundas na fronte da senhora pensativa. Na realidade aquela mendiga era mais feliz do que ela: á noite regalaria os pequenos com castanhas e vinho dôce de maçãs. Depois deital-os-ia, um para a cabeceira, outro para os pés, no berço de madeira onde dormira o pae deles, aquele que era da idade do seu Estevam!

No Souto havia um belo berço de acaju, sem uso, numa mansarda, e que não servira á geração actual!

Que dizia a carta recebida naquela manhã? Mathilde Chastaignes devia saber o seu conteúdo de cór; todavia, releu-a a meia voz, enquanto as folhas remoinhavam numa valsa lenta.

«Minha mulher, que espera um terceiro filho, não tem passado bem com o calor; procuro em vão morada menos estreita que a nossa, afim de a fazer repousar durante algumas semanas!»

Ao longe a fachada da casa brilhava entre as arvores da alameda, uma casa massiça, ampla, feita para abrigar uma numerosa descendencia. Um raio de sol doirava as janelas do belo quarto do meio, mobilado outrora com amor para o filho ausente, o quarto que ele já não ocupava e onde haveria logar para varias caminhas...

Com que então ela ia sêr avó pela terceira vez! E havia de continuar entrincheirando-se obstinada num rancor que a privava de conhecer os sêres da sua carne e que ela amaria perdidamente!. . A frase pronunciada ha pouco pela sua contemporanea, tinha-se-lhe gravado na memoria:

«E' preciso perdoar, quando se é mãe!»

Ao longe agonisava a luz do dia sobre a habitação de familia, que parecia dizer-lhe: «Volta, que se faz tarde; mas não tornes a entrar só, visto que risos de creanças te podiam acolher!»

O vento arrefeceu, e, leva por ele, uma castanha, a ultima, tocou com a sua rude casca a fronte da mãe de Estevam, e veio cair-lhe sobre os joelhos.

Ela estorcegou-a nas mãos nervosas e do envolucro acerado saiu o fruto liso e doce.

Pobre castanha!—disse ela com um amargo sorriso.—Nós parecemo-nos! Tu és como eu: melhor do que aparentas. Quando noutro tempo te tomei como emblema, eu não sabia o mal que se póde fazer, ferindo-se cada um com as suas proprias pontas!

—:—

Voltando para casa Mathilde Chastaignes julgou ouvir vozes de todos os lados: vozes das coisas suavisadas pela noite; vozes daqueles que tinham pisado a mesma terra, os da sua raça; e uma voz mais precisa: a da sua consciencia. E todas lhe diziam: Perdôa! E' o dever das mães!

Entrou, precipitadamente e, muito á pressa, sem refletir mais, assentou-se á grande secretaria onde ao lado de seu filho tinha muitas vezes trabalhado, e escreveu estas linhas:

«*Vinde, aqui vos esperam a todos no Souto*».

Myriam Thélem

Pelo mundo catolico

O casamento cristão

Reuniu em Paris nos dias 24 e 25 de fevereiro o Congresso anual da Associação do casamento cristão sob a presidencia dos trez prelados coadjutores de Parii, sendo os debates do maior interesse. A sr.ª Mayran observou que a preparação para o casamento deve adaptar-se á diferença dos caracteres e ás necessidades do tempo e deverá tender sempre a combater o egoismo e o orgulho. O dr. Abrand falou do papel do pae na educação dos filhos e que esta deve basear-se na consagração da autoridade paterna. Quanto á função da mãe, a sr.ª Fuster mostrou impossivel uma educação seria se a mãe não estiver compenetrada de sentimentos e virtudes de sinceridade, dedicação, esquecimento de si mesma, e de uma forte cultura, tudo posto ao serviço do ideal cristão. Richon falando da preparação dos rapazes para o casamento mostrou como é necessario ensinál-os a fazer a educação da auctoridade, treinando-se na dominação dos sentidos, das ambições do lucro e do goso, das paixões e más tendencias. Estes estudos foram depois larga e brilhante discutidos. O Congresso rematou por uma tocante cerimonia na basilica de Santa Clotilde.

◇

O 27.º Congresso Eucarístico

Na sua reunião de 5 de fevereiro, realisáda em París sob a presidencia de Mgr. Heylen, bispo de Namur, o Comité permanente dos Congressos Eucarísticos Internacionaes, depois de haver examinado maduramente todos os pedidos que lhe foram dirigidos e suas possibilidades materiaes e moraes de realisação, decidiu por unanimidade realisar o 27.º Congresso em Amsterdão (Holanda) no verão de 1924. Esta decisão, submetida á Santa Sé, conforme o regulamento do Comité, acaba de ser aprovada por telegrama de Roma dirigida a Mgr. Heylen.

◇

Um médico catolico

A 25 de fevereiro, tiveram logar em Santa Genovéva, Paris, as exequias por alma de Jorge Perrochaud distintissimo médico do hospital Bretonean que morreu no cumprimento do seu dever. Clinico de um alto valor profissional sucessivamente louvado pelo ministro de higiene que lhe conferiu a Legião de honra e pelo director da Assistencia Publica que numa manifestação imponente e numerosa lhe veio agradecer a sua dedicação em nome da cidade de Paris, Perrochaud morreu como viveu, e tre bençãos. Catolico praticante dedicava-se ás obras de juventude, de que foi medico desveládo. Fazia parte d'esse grupo de estudantes catolicos que na Faculdade de Medicina Franceza teem o nome de Conferencia Laennec. A sua dedicação era já proverbial e procurava incutir aos seus camaradas que, na mais alta compreensão do seu dever profissional, o medico não cumpre toda a sua missão quando só trata ds corpo; deve ir á alma do doente e mais longe ainda, atingir o lar familiar porque só assim cumpre o seu dever social. Esta dedicação tem por base condições religiosas esclarecidas e profundas.

◇

Um padre estadista

E' Mgr. Seipel, o chanceler da Austria, o homem a quem a Austria confiou os seus destinos e que com extraordinario exito tem procurado arranca-la ao abismo da ruina. Mgr. Seipel é prelado da casa do Papa e ainda não tem 50 anos. Uma calvicie muito adeantada ainda mais torna notavel a sua fisionomia onde se reflectem a unção e a firmeza de vontade. Já antes de chegar ao poder, era o chefe indiscutido do partido cristão social que ele conduziu á batalha eleitoral de 17 de outubro, de 1920 e á victoria. Os cristãos sociaes obtiveram no parlamento 83 cadeiras em vez de 62, isto é mais 21. Firme nos seus principios, colocou á frente do ministerio da Instrução Publica um catolico dedicado e competente. Fez parar a emissão de notas, tem obtido emprestimos e já reduziu 100,000 logares inuteis do foncionalismo.

Aprendam com Mgr. Seipel os catolicos do Centro e os politicos anticlericaés. Em politica trabalha-se assim!...

◇

A perseguição na Russia

Foi intentado na Russia um processo contra Mgr. Ciepla metropolita catolico e 17 padres, acusados de formar uma organisação para resistir ao poder dos soviets e excitar... as *superstições religiosas* do povo. Até parece cá! A acusação é infundada. Houve é certo reuniões particulares no arcebispado mas para discutir as questões que interessam á religião, e essa organisação já existia anos antes do advento dos bolchevistas ao poder. Se o clero se recusou a assinar qualquer contracto com os soviets para a fruição das egrejas, só obedeceu a ordens do Vaticano. Sabe-se que em dezembro as auctoridades haviam encerrádo as egrejas catolicas de Petrogrado, excepto a franceza, que agora o acaba de ser.

◇

Deputados que rézam

Uma optima resolução acaba de ser tomada pela Camara dos Deputados. Dóra avante, antes de cada sessão, o presidente recitará uma curta oração que termina por estas palavras:—«Concedei-nos, ó Deus de misericordia, não desejar senão aquilo que é conforme á vossa vontade, procural-o com prudencia, conhecêl-o com certeza e cumpril-o com perfeita honra e gloria para o vosso nome e felicidade para a nossa patria. Assim seja». A Camara assim o deliberou por unanimidade. E' claro que não é a de Lisboa—antes fôsse! Trata-se da Camara legislativa de Quebec, no Canadá.

◇

Outras noticias

Segundo o «Reichspost» um Congresso Universal de catolicos austriacos terá logar em Viena de 29 de Junho a 1 de julho; o episcopádo austriaco aprovou o Congresso.

—O Papa vae mandar á rainha de Hespanha um valioso presente e a comenda da Rosa de Oiro.

—Vae ser fundada em Nimégue (Holanda) uma Universidade catolica. O Conselho Municipal resolveu dar para ela um terreno medindo 15.000 metros quadrados e votou uma subvenção annal de 100.000 florins. Nos meios protestantes manifesta-se uma viva oposição a estas resoluções que foram tomadas só com um voto de maioria.

—O novo bispo da Dinamarca, Mgr. Buens foi consagrado a 25 de janeiro pelo Cardeal Mercier. Tomou o titulo de Bispo Roskilde, que é a mais antiga cidade do reino, construida n'uma ilha, onde tambem os reis tiveram seus paços desde o século X ao XV. A sua catedral, hoje protestante é a mais bela do reino. Os católicos dinamarquezes são 22.000. Eram 4.000 ha 30 anos.

—O recenseamento de 7 cantões da Bohemia deu em resultado os seguintes numeros: 561.000 incrédulos, 224.590 protestantes, 80.503 judeus, 31.550 adeptos de diversas, e catolicos 4.069.865, isto é 76,06 por cento da população. O numero desles ultimos diminuiu em 1.111.343 desde 1910, devido á perseguição do governo que favoréce os hussitas e os reacionalistas... para copiar outros governos que nós cá sabemos.

—O governo do Mexico expulsou o Nuncio e prendeu bispos. Agora vem dizer em telegrama para a Europa que ha por lá plena liberdade. Está mesmo a vêr-se. Já Afonso Costa dizia que a sua lei de separação só era excedida talvez pela mexicana. Entendidos!...

Depois da prática...

4.º Domingo da Quaresma

—João, foste hoje á Missa?

—Fui, sim, amigo Timóteo. Porque me faz você essa pergunta? Quem ouvir, ha-de julgar que eu não costumo ir á Igreja.

—Não é tal, João. Se te perguntei isso, é porque desejava que me fizesses uma explicação nha do Evangelho, pois no logar em que fiquei não se ouvia uma só palavra.

Aqueles homens que estavam perto de mim estavam todos tão doentes, coitados, tossiam tanto que era impossivel ouvir o Padre.

—Pois então alguma coisa lhe posso dizer dizer porque eu ouvi tudo. E' certo que não posso agora reproduzir todas as palavras do sacerdote, mas a ideia geral do assunto exponho-a como puder. Devo, porem, avisa-lo de que o Evangelho é muito extenso e por isso darei uma súmula de forma que você compreenda.

Diz o texto que a certa altura viu Nosso Senhor uma multidão inumeravel de pessoas que o seguia e perguntou a Filipe, um dos Apóstolos, onde é que se compraria pão que chegasse para todos. Outro dos presentes respondeu que ali perto estava um rapaz com cinco pães e dois peixes, mas que não chegavam a nada para tanta gente. Nosso Senhor, porem, condoido daqueles miseraveis, mandou-os sentar e ordenou que se lhes distribuisse aquela pequena ração que ele benzeu. No fim, quando todos estavam já saciados, mandou recolher os fragmentos e com êstes se encheram doze cestos. A multidão, em face de tal prodigio, queria aclamá-lo rei, mas êle desapareceu, retirando-se sósinho para um monte.

Eu já tinha ouvido esse Evangelho no ano passado e por sinal que me lembro muito bem duma conclusão que o sacerdote tirou.

—Então diga lá qual é, a ver se foi a mesma deste ano.

—Referiu-se ás palavras do inicio do Evangelho em que se diz *estava proxima a Pascoa* e associando-as ao facto da multidão que se abeirava de Jesus, chamou a todos ao preceito da Confissão e Comunhão, incitando os ouvintes ao cumprimento desses grandes deveres.

—Sim; hoje tambem falou disso, mas deteve-se principalmente no prodigio da multiplicação dos pães, como figura da Eucaristia.

O assunto é bastante melindroso para ser tratado proficientemente por um pobre campónio como eu, todavia dir-te-hei que me comoveram aquelas palavras. A benção de Deus sôbre os pães, fê-los crescer em tal quantidade que todos ficaram saciados; tambem a benção de Nosso Senhor e por sua ordem a dos sacerdótes, sobre o pão, o transforma não em quantidade, mas no verdadeiro Corpo de Nosso Senhor, tam real e perfeitamente como está nos ceus.

—Como isto consola, amigo Timóteo; o pão da terra, feito pão do ceu para sustento dos mortais.

Vamos a Ele todos e viveremos.

CELSO.

CHARRETTE nova, elegante, bem estofada, com capota para sombra e arreio usado para um cavalo. Vende-se.

Para tratar com David Moreira.

Rebordões

CÁ POR DENTRO

Literatura imoral

Um grupo de estudantes das escolas superiores de Lisboa, que constitui a «Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa», andou pelas ruas da capital a distribuir um manifesto em que se protesta contra a literatura imoral, que representa uma inversão da inteligencia, da sensibilidade e dos costumes.

Os estudantes estiveram tambem no governo civil, onde foram felicitar o chefe do districto pela sua atitude energica e moralisadora, mandando apreender alguns livras ultimamente publicados e que são atentatorios da moral e dos costumes.

◇

Uma despedida tragica

Um tal Alfredo Cesar Machado, de 27 anos, de Lisboa, tinha uma motocicleta com *sapata*, vulgo *side-car*, de que se queria desfazer. Mas por despedida resolveu ir com a familia de passeata ao Lumiar. E lá foi, com a mulher, uma cunhada, o marido da cunhada, e uma filha do marido e da cunhada, de 8 mezes.

Mas a certa altura numa curva manobraram mal os homens da moto e despejaram se os passageiros, ficando todos feridos, sendo grave o estado do Alfredo.

Agora é que ele certamente não quererá tornar a ver a moto!

◇

Em Odivelas

No dia 4, no antigo convento, onde hoje está instalado o instituto feminino de Educação e Trabalho, abateu a parte da casa denominada do *Rei D. Diniz*, no angulo esquerdo do claustro da Moura e *que ha muito ameaçava ruina*.

Felizmente não houve desastres pessoais. Era considerada monumento nacional aquela reliquia do passado. Estava-se trabalhando na sua reparação, mas não se poude evitar a ruina.

◇

Morte repentina no comboio

No comboio de Lisboa foi ao Porto um viajante que ao chegar á estação de Campanhã faleceu repentinamente, no dia 4. Ignora-se quem seja, presumindo-se que houvesse saído de um hospital e se dirigisse a Chaves. Estaria êle preparado para a grande viagem da eternidade?

◇

Actor ferido em scena

No Porto, durante a representação do *Amor de Perdição*, um actor que devia disparar contra outro fez a pontaria baixa e feriu na cara o seu camarada, o actor Antonio Vidal Esteves, de Gaia, que recebeu logo os socorros medicos. Aquilo não teve gravidade, mas tambem se não querem aquelas scenas tanto ao vivo... que haja morto.

◇

Crimes e mais crimes

Em Melgaço, por questão de namoros, foi morto a tiro de cacadeira, Joaquim Gonçalves, de 21 anos.

Em Vagos, Matias Tavares Ferreira, louco, de Cadima, Cantanhede, foi assaltado entre a Palhaça e a Carregosa por uns bandidos que lhe roubaram um corte de fazenda que levava e o assassinaram com facadas na cabeça.

◇

Miudezas

No Algarve, diz o *Moca*, de Faro, apareceu uma mulher a vender ovos a 6$00 a duzia! Boa moca, era o que ela precisava.

—Em Cascais não ha fosforos, porque ha dois mezes que não chegam remessas já pagas!

—No Cartaxo evadiram-se da cadeia tres presos, serrando as grades. Um d'eles, José Daniel da Costa, é a segunda vez que de lá foge. Os outros são Alberto Alves de Carvalho, de Mangualde, e Augusto Lopes, de Tomar.

◇

O tempo

São de verdadeira primavera os dias que agora gosamos.

A chuva copiosa e o vento desabrido que por vezes nos neurastenisou, já nos deixaram e fugiram para outras paragens.

Em sua substituição, vieram dias cheios de sol e de temperatura acariciante.

Que seja por muitas semanas, para nosso regalo e dos nossos lavradores.

A decadencia da população portugueza

Lê-se no livro *A Crise portugueza*:

«O censo de 1900 deu 5.423.132 habitantes em Portugal, Madeira e Açores. O de 1911 indicou 5.960.056. Era um aumento de 536.924. O de 1920 devia acusar a existencia de 6.550.000 ou mais cêrca de 590.000 se o coeficiente da progressão fosse o mesmo. Parece que o augmento foi apenas *em 9 anos* de 70.000. Pela marcha anterior deviamos ter hoje aproximadamente 6.700:000 habit., quasi mais 740.000 do que em 1911. E' possivel que não tenhamos já o acréscimo quasi nulo de 70.000 noticiádo ha pouco. De 1912 a 1919 nasceram 1.530.384 individuos, morrêram 1.165.770 e emigráram 300.508, segundo os registos oficiaes. As duas ultimas parcelas somam 1.466.388, ficando pois, a baixa diferença de 64.046 para juntar aos 5.960.056 achados em 1911. E' verdade que a ela se teria de acrescentar a cifra dos repatriados, decerto importante. Mas tambem foi notavel a da emigração clandestina. E' bem verosímil que estejamos hoje em 6.000.000 de habitantes como em 1911, tendendo-se para muito menos».

Assim o crêmos tambem. Alem do factor da carestia da vida que derranca a sumidade da população e criou nova e mais forte corrente emigratoria, a propaganda pornográfica, a *guerra aos filhos* é o expediente da resistencia nos lares de miseria, e um cinico signal do egoísmo dos casaes *novos-ricos* cuja unica ambição é gosar e tudo isto—em conjuncto—é consequencia da decadencia religiosa do povo. Nos lares verdadeiramente cristãos não ha o horror aos filhos. Pelo caminho em que vamos, o paiz despovoa-se e arruína-se!

tral, a figura que ele imaginára. Os letrados perguntaram-lhe se taes processos romanescos tinham porventura logar na mais grave de todas as historias».

Tal o pretenso prestigio scientifico de Renan. Treppes, Séailles, Cognat, Vigouroux e e muitos outros escriptores de renome acabaram com ele.

Traidor á patria

Mas Renan nem sequer foi bom francês. A maçonaria, evocando-o nesta hora, apenas faz uma campanha de traição patriotica. Com efeito para Renan, *já depois* de vêr a sua patria derrotada em 1870, a Alemanha era *um templo*, e a França «um paiz votado a anular-se de cada vez mais para a grande renovação da vida na humanidade!» E' porventura um patrióta aquele que formulou esta aspiração: «*O' Alemanha quem te implantará em França?*» O espirito francês para ele, era «chato, positivo, sem elevação». (Vid. *Cadernos de Juventude* p. 97, e *Questões Contemporaneas*, p. 466). Renan não foi só um apóstata, foi um homem que deu as mãos e o espirito aos inimigos do seu paiz e mais que aos do seu paiz porque ele, contra a evidencia historica que o genial Fustel de Coulanges proclamou e demostrou, néga as proprias virtudes superiores da raça latina visto defender que Gaulezes e Romanos teriam morrido na historia se não tivéssem sido submergidos pelos Germanos, povo moral e sério por excelencia. A França, diz ele, não tem espirito militar. Em 1870, *depois de Sédan*, ele saúdava na Alemanha a nação do futuro, que dominaria todas as outras. Um alemão não faria melhor!

Educador, um homem destes?

«Não poderia sêr um soldado... Preferia desertar ou suicidar-me. Uma ordem é uma humilhação». A' juventude ensinava ele mais: —«E' inutil matarmo-nos para mudar de erros. Divertí-vos!»

Foram estas as ideias que desarmaram a França. Eis o homem que a maçonaria elogia!...

M. C.

(1) Leiam-se na Divindade *de Jesus, de Camilo Castelo Branco, as palavras causticas que o nosso imortal romancista escreveu contra Renan.*

OBRA CONSTRUCTIVA

III

DEVER

No ultimo artigo dando o **Decalogo** da Organisação Social Catholica posemos como primeiro *mandamento o Dever*. Assim devia de ser. Se a sociedade comprisse o seu *Dever* outro seria o estado social da nação portugueza.

Hoje ouvimos mais falar em **Direito**, comquista de *Direitos*, luta pelo Direito, desde o Direito-torto da greve até ao Direito-burla da legislação. Rarissimas vezes ouvimos proclamar o *Dever*, cumprir o *Dever* desde o Dever para com Deus até ao *Dever* para com a Patria. A inversão do **Dever** pele **Direito** tem sido e é a maxima causa da desorganisação da sociedade Portugueza.

Todos proclamam o seu *Direito* mesmo que esse Direito seja o de oprimir o Direito dos outros; mesmo que esse Direito seja a mais completa negação do **Direito**.

Ora o que em nossos dias é preciso insistentemente recomendar é o cumprimento do **Dever** —pois que **Direito** já temos de mais, embora pareça poradoxal dizermos tambem que é o que menos temos.

Em verdade, que Direito é o que prohibe, v. g., o direito consignado na Constituição, da liberdade de consciencia, se me prohibem de ensinar a doutrina, onde e quando eu quizer? No entanto é em nome do *Direito*-**torto**, do *Direito*-**burla** que essa prohibição me é feita, embora se me garanta que posso telo se o pedir ao ministro da justiça, o que é uma nova classe de Direito: o **Direito-favôr**.

Mas não antecipemos a normal exposição que intentamos fazer.

—:—

E' pois, o primeiro mandamento da Organisação Social Catholica o **Dever**.

E como o exemplo, é o melhor conselheiro, cumpramos nós antes de continuarmos, o dever de dizer aos ilustrados articulistas de «**A Questão Social**» e «**Abraço Fraternal**» e «Exemplo a Imitar» que nos foi muito agradavel a leitura desses artigos, e ficamos é espera da carta que nos foi prometido versando a «Doutrina Associativa».

Satisfeito assim este *Dever* vamos a continuar com o nosso estudo.

—:—

Na tão singela palavra *Dever* encontramos, por assim dizer o compendio de todos os nossos **Direitos**.

Dizer por isso o que entendemos, por *Dever*, o mesmo será que definir o que comprehendemos por *Direito*.

Em rapida síntese poderemos afirmar que *Dever* é a obrigação que todos os homens teem de cumprir:

a) para com Deus - as leis que Ele promulgou e aquelas que a Egreja — que foi instituida por Deus, como a unica verdadeira, —em nome do mesmo Deus e por autoridade de sua propria e legitima, nos manda;

b) para com nós mesmos e por isso para com os nossos semelhantes — a necessidade de aproveitarmos os talentos que Deus nos deu para por eles e com eles atingirmos o fim para que fomos creados isto é, a nossa propria felecidade e a felecidade dos outros, pois para isso nos foram distribuidos esses talentos — a uns mais que a outros, precisamente para que os que mais os teem os repartam com os que os teem menos e assim correspondam á economia d'aquele que assim os distribuiu.

c) para com a familia: concorrendo para a sua formação— onde implicitamente está condenado o celibatarismo tanto em moda, sem que motivos de ordem sobrenatural ou natural, mesmo, a ele obriguem,—trabalhando pela sua conservação e sustentação, defendendo-a dos ataques dos seus inimigos, e garanti-la contra os perniciosos efeitos da leis iniquas, e até... deixem os leitores que o diga, contra crimes, verdadeiros crimes duma criminosa sciencia que apregôa criminosamente pelas colunas de certos jornaes, criminosissimos productos,—que são nem mais nem menos que a mais descaroavel e infame perseguição da familia.

d) para com a Patria — a sua defeza, melhorando-a, contribuindo para que a governem leis justas e dignas do passado de Fé, honra e gloria; fazendo com que nela progridam as letras e as sciencias, a agricultura, o comercio e a industria; trabalhando para que tenha Ordem, se avantage na Moralidade e que a Justiça seja equanime e rigorosa; emfim que a *Caridade* triunfe e seja a grande virtude no individuo, na familia e na sociedade.

Resumindo em uma só palavra, entendemos que *Dever* é **Amar**.

D'ahi dizemos. Ama a Deus; ama-te a ti e aos teus semelhantes; ama a familia e ama a Patria, e terás, ó Povo de Portugal, cumprido o teu Dever.

Amar a Deus é um dever de necessidade—a gratidão!

Amar-se o homem a si e ao seu semelhante é um dever de utilidade—a perfeição!

Amar a familia é um dever de continuidade e conservação da especie - a progenitura!

Amar a Patria é um dever de condição: a defeza de Deus da Sua Egreja; a defeza do individuo, da familia e da sociedade, pois que sendo, como é, o individuo creação de Deus, familia é instituição Sua e a sociedade é organisação Sua, á qual deu as leis de que tornou depositaria e regulamentadora a Egreja que fundou e mantem **até á consumação dos seculos**.

Ora essas leis teem uma mesma base permanente e imatavel: a **Moral**; por isso facilmente e sem esforço chegamos ao seguinte postulado do filosofo Balmes: «**Dever** *é a sugeição da creatura livre á ordem moral*, e correlativamente: **Direito** *é a necessidade que a creatura livre tem de não ser estorvada no cumprimento dessa sugeição*».

Assim vemos claramente quanta violencia e apressão representam a prepotencia de leis coibitivas dessa Liberdade natural e essencial ao individuo, á familia e á sociedade, e quão criminosos são aqueles que, sobre o falso rotulo duma liberdade de funil, propõem essas leis, ao formulam, *decretam e aplaudem*.

(Continúa)

Irsinio.

Falecimentos

✝ Dae-lhes Senhor o eterno descanso

Conego Arcipreste Dr. Manuel Moreira Junior

Como dissemos no ultimo numero, realisou-se na quinta-feira, 1 do corrente, na parochial de Mindelo, o funeral do sr. Conego Arcipreste Dr. Manuel Moreira Junior.

Acompanhou o cadaver, conduzido por eclesiasticos e mais tarde por academicos do nosso Liceu, o sr. Conego Dr. Alberto da Silva Vasconcelos, tendo tomado a chave do caixão de veludo rôxo agaloado a oiro, o sr. Dr. Augusto José Domingues de Araujo, intimo amigo do saudoso finado.

Formavam o funebre cortejo a Associação do Coração de Jesus e duas alas de homens, seguindo a tráz da cruz alçada o clero do concelho de Vila do Conde e alguns eclesiasticos do nosso concelho.

Fechava o cortejo o «pano de honra» e bastantes amigos daquele concelho e de Guimarães, de que damos nota abaixo.

Presidiu aos oficios e celebrou a missa, o sr. Conego Vasconcelos, com a assistencia dos srs. Padres Antonio da Cunha Jordão e Gaspar Nunes, servindo de mestre de cerimonias o sr. Padre Antonio Ribeiro, Dig.mo Arcipreste substituto de Guimarães. Assistiram 17 eclesiasticos.

Terminados os actos religiosos na Egreja, foi o cadaver conduzido ao cemiterio com o mesmo acompanhamento, ficando encerrado em jazigo.

Dentre a assistencia lembramos ter visto: os srs. Barão de Rio Ave, Bento de Souza Amorim, Drs. Antonio Maria Pereira Junior, Manuel André dos Santos, José Moreira, Antonio Francisco da Silva, Drs. Augusto José Domingues d'Araujo, Joaquim José de Meira; os professores do Liceu Martins Sarmento, Conego Alberto da Silva Vasconcelos, José de Pina, Padre Anselmo da Conceição Silva, Duarte Pinheiro e Aventino Lopes Leite de Faria; os srs. Padres João Antonio Ribeiro, Gaspar da Costa Roriz, Antonio da Cunha Jordão, José Maria da Silva, e Gaspar Nunes; os srs. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão), Jeronimo Ribeiro da Costa Sampaio, José da Costa Santos Vaz Vieira, José Maria Felix Pereira, Simão Ribeiro Pinheiro Guimarães, Manuel da Costa Pedrosa, Francisco Pereira Mendes, Eugenio da Costa Vaz Vieira, Francisco Correia Lopes etc. e um grupo de 12 estudantes representando á Academia de Guimarães.

A falta de espaço não nos permite alongar como desejavamos esta noticia.

Terminando-a, oramos ao altissimo para que receba em sua santa gloria a alma do virtuoso e querido sr. Conego Arcipreste Dr. Manuel Moreira Junior:

Dai-lhe, Senhor, o Eterno descanço, entre os resplendores da luz perpetua.

Descance em paz.

—

Notas

Sobre o feretro, coberto com a bandeira academica, foram colocadas duas coroas, e uma «gerbe» oferta da Academia Vimaranense.

—A Escola Academica, estava representada pelo seu director, sr. Padre José Maria da Silva.

O Colegio Academico, pelo sr. Antonio Francisco da Silva, e o Pensionato academico pelo sr. Manuel da Costa Pedrosa. A J. C. de Guimarães, pelo sr. José M. Felix Pereira. O nosso jornal pelo seu Director.

—

Sufragios

Na passada 2.ª feira, o corpo docente e discente do nosso Liceu, mandou celebrar a missa de 7.º dia, por alma do sr. Conego Dr. Manuel Moreira Junior.

Foi celebrante o sr. Conego Alberto da Silva Vasconcelos, assistindo os professores do Liceu, Academia senhoras e cavalheiros da sociedade vimaranense.

—

Quarta-feira ultima celebrou-se na Capela de S. Domingos a missa mandada dizer pelo sr. Francisco Correia Lopes, dedicado amigo do extinto.

Finda a missa foi cantado um «Libera-me».

Entre a assistencia vimos professores do Liceu, academicos, e varios cavalheiros desta cidade. Foi celebrante o sr. Padre José Ferreira Leite.

—

Missa do 30.º dia

Consta-nos que um grupo de amigos do saudoso sr. Conego Manuel Moreira Jonior mandará celebrar em sufragio da sua alma a missa do 30.º dia. Informaremos.

—

Missa

Convite

Os antigos alunos dos saudosos professores srs. Drs. Conegos Pedro Gonçalves Sanches, e Manuel Moreira Junior, convidam os amigos e admiradores dos ilustres extintos, a assistirem a uma Missa, que mandam celebrar ás 11 horas no proximo dia 15 do corrente, pelas suas almas na Igreja da Colegiada, agradecendo a comparencia de todas as pessoas que se queiram associar a esta homenagem de respeitosa e merecidissima saudade.

Guimarães, 4 de Março de 1923.

—

Em Braga

Missa e Comunhão

No Seminario Conciliar foi sofragada a alma do antigo Vice-reitor, sr. Conego D. Sanches, havendo missa e comunhão geral de seminaristas.

A' Memoria de dois mestres

Sulpicio Severo na sua secção *Pelo Binoculo da leronica* publicada na *Actualidade*, de Braga, consagra sentida homenagem de saudade, aos seus professores no Pequeno Seminario de Guimarães.

Justas palavras de encomio que terminaram nesta suplica:

«Dae, Senhor, a exaltação de muita gloria áqueles que, em longo peregrinar por esta vida, ensinaram tantos de vossos ministros, que hoje recordam com pungente saudade a sua memória.

—

Missa

Por alma dos seus professores falecidos srs. Conegos Gomes, Ribeiro, Miranda, Bacelar, Sanches e Moreira, mandou o sr. Manuel Maria Torres Ferreira, celebrar na Capela do Pensionato Escolar de Braga, uma missa, na passada terça-feira 6 do corrente,

—

Faleceu o sr. Coronel Amaro Dias da Silva Junior comandante do D. R. e R. de I. 20.

O seu funeral, que foi religioso, foi muito concorrido, tendo responsos na Capela do Cemeterio.

A' digna oficialidade de Infantaria os nossos sentidos pezames.

Doentes

Está bastante encomodado o digno Paroco da Oliveira, sr. Padre João Antonio Ribeiro. De todo o coração anelamos as suas melhoras.

—Em La Guardia tem estado doente o respeitavel sacerdote e homem de sciencia, sr. Padre José Tavares, S. J.. Fazemos ardentes votos pelas suas prontas melhoras.

—Egualmente, guarda o leito o sr. Antonio Augusto da Silva Carneiro. Apetecemos-lhe pronta saude.

—Está completamente restabelecido o nosso presadissimo amigo sr. dr. João Martins de Freitas.

—Vae algo melhor a sr.ª D. Amelia Batista Sampaio, mãe extremosa do nosso amigo sr. dr. Gonçalo Bourbon.

—Está melhor a sr.ª D. Maria Caldas.

—Ao bom amigo sr. Antonio Luiz da Silva Dantas, desejamos pronto restabelecimento.

Procissão de Passos

Se o tempo o permitir, sairá domingo a magestrosa procissão de Passos, percorrendo o costumado etinerario, estando a Mesa da I. dos Santos Passos, a envidar todos os esforços para que seja brilhantissima.

Exposição Industrial e Agricola

Dizem-nos que houve quem sugerisse a sensata lembrança de em 15 de Agosto — Festa da Padroeira de Guimarães, Nossa Senhora da Oliveira—se realisar uma pomposa festividade religiosa, por coincidir essa data com a epoca da Exposição.

Otima lembrança é essa, e que nos merece todo o aplauso.

Na verdade, se a cidade e o concelho de Guimarães, são *Terra de Trabalho*, são tambem *Terra de Santa Maria*, e os Vimaranenses herdaram com as tradições de Honra e Trabalho intenso a Fé acricolaca de seus antepassados.

Fica bem, portanto, que essa caracteristica concelhia seja marcada em carateres de oiro nas paginas em que, ao futuro, Guimarães apresente como estimulo a Exposição de 1923.

*

E' tempo de a **Lavoura Concelhia** ir preparando os seus productos a expôr.

Muito ha a esperar da iniciativa pessoal.

Quer-nos, porém, parecer que para a concatenação de esforços, estaria indicado que o **Sindicato Agricola de Guimarães** tomasse sobre si o encargo da nomeacão duma *Comissão Tecnica* que estudasse a maneira de tornar a **Secção Agricola** *variada e numerosa* em productos da região.

Efectivamente é o **Sindicato Agricola de Guimarães** *a entidade propria* a organisar essa parte importantissima da Exposição.

Deixar sobre a Associação Comercial de Guimarães o encargo das **duas secções**, seria um erro gravissimo e de bem funestas consequencias para o explendor da Exposição.

Bem lhe bastam os multiplos trabalhos de que tem de tratar— e eles são de tal peso que a obrigaram a nomear divesas comissões: Tecnica e de Propaganda, e ainda as 4 Auxiliares — apesar da sua comprovada competencia estar bem manifesta.

Ao **Sindicato Agricola de Guimarães**, a que preside o illustre fidalgo e patriotico Vimaranense, Ex.mo Sr. D. José Ferrão de Tavora, não faltaria, cremos, poder afirmar, da parte dos seus consocios e da *Lavoura Concelhia* a necessaria coadjuvação.

A nossa modesta mas decidida e desinteressada, por patriotica, aqui lha prometemos no cumprimento do nosso dever. Concorrer quanto em nós caiba para que a Exposição de 1923 seja um triunfo verdadeiro e legitimo para a Industria e Agricoltura do concelho de Guimarães

*

As Comissões Auxiliares começaram a percorrer as suas Zonas, iniciando a subscrição publica.

Que os Vimaranenses cumpram o seu dever, contribuindo generosamente para essa subscrição são os nossos desejos.

Lembrem-se os nossos patricios de que a *Causa é de todos* e por isso, *de todos deve ser o Triunfo*.

◇

Somos informados de que alguns proprietarios de predios urbanos, logo que o tempo se firme, vão proceder ás necessarias reparações dos seus predios. Bom será que o exemplo seja imitado *para que por ocasião*, **ao menos**, *da Exposição a cidade apresente um aspecto de limpeza e asseio*.

O que recomendamos **aos particulares** recomenda-lo hemos ás **estancias oficiaes** pois que estas não precisam menos de *limpar* os seus edificios.

Aqui fica o aviso, e oxalá não precisemos de voltar ao assunto.

Batisado

Na paroquial de S. Sebastião, batisou-se no passado dia 4 o primogenito do nosso muito estimado amigo sr. Amadeu da Costa Carvalho.

Foram padrinhos a Sr.ª D. Ercilia Leite Mendes Silva e seu marido sr. José da Silva Guimarães, avós maternos do neofito que recebeu o nome de Amadeu.

Com os desejos de muitas venturas para o pequeno Amadeu, felicitamos seus exmos paes e avós.

Agradecimento

Eugenio da Costa Vaz Vieira, quasi completamente restabelecido da sua longa enfermidade, e receando cometer qualquer falta involuntaria, agradece reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram interessar-se pela sua saude, e ás quaes confessa perdoravel gratidão, incluindo neste agradecimento os jornaes que por essa ocasião lhe apresentaram votos pelas suas melhoras.

Operação

Na segunda-feira, foi operado o sr. dr. Marcelino Fernandes, a quem desejamos um rapido restabelecimento.

9 d'Abril

Sabemos que está em ensaios, o formosissimo episodio «*O Heroe Minhoto*» da autoria do sr. Padre Gaspas Roriz.

O mesmo consagrado autor está escrevendo uma comedia, a pedido da corporação dos Sargentos de Infantaria 20.

Informaremos a seu tempo.

A' imprensa

Aos nossos colegas que tão amavelmente se referiram ao nosso jornal pela sua reaparição e novo director os nossos agradecimentos.

Ex-Rainha D. Amelia

A ex-rainha de Portugal, D. Amelia de Orleans, chegou a Napoles com o seu seguito, tendo-se hospedado no palacio dos Duques de Aosta.

VENDE-SE

A propriedade da casóla, na freguesia de Silvares, composta de casas sobradadas, terra d'horta e terra lavradia. Falar com o solicitador

PIMENTA

Conde de Margaride

Damos muitas graças a Deus por podermos noticiar que está livre de perigo o venerando titular e benemerito vimaranense, sr. Conde de Margaride, cujo estado geral é bastante satisfatorio, mas não tendo recuperado ainda o uso da fala, o que deveras sentimos.

Fazemos a Deus fervorosos votos, para que em breve possamos dizer aos nossos leitores que S. Ex.ª está completamente bem.

◇

Na quarta-feira ultima celebrou-se na R. Egreja dos Santos Passos uma missa, pedindo a Deus as completas melhoras do nobre titular sr. Conde de Margaride.

De viagem

Esteve na Foz do Douro o sr. Antonio Leite de Castro.

— Vimos nesta cidade o sr. dr. Americo de Freitas Coutinho Maltez, muito digno juiz de direito.

—Esteve em Braga e Viana, o nosso presadissimo administrador sr. P.e Manuel de Freitas Junior.

—Tivemos ocasião de cumprimentar nesta cidade o digno Director do Pensionato Escolar, de Braga, sr. Manuel Maria Torres Ferreira.

Festa das Dôres

Conta-nos que fará o sermão das Dôres o reputado orador sr. dr. Bernardo Chousal.

GARANTIA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO — Rua Ferreira Borges

Capital 1:000 contos (um milhão de estudos)

Efectua seguros contra riscos de fogo, industrias, agricolas, automoveis, greves e tumultos

Agente em S. Miguel das Aves

José Luiz Fernandes

Residente em

REBORDÕES